

PAZ COLETIVA: A PAZ QUE QUEREM JOVENS DA ESCOLA JOAQUIM

ANTÔNIO ALBANO

Daniela Dias Furlani Sampaio

Kelma Socorro Alves Lopes de Matos

Introdução

Somos adeptas da ideia de que é responsabilidade coletiva divulgarmos ações exitosas e necessárias ao bem-estar coletivo em tempos atuais. Tais ações são iniciativas de prevenção à violência compreendidas como educação para a paz e interferem, de modo positivo, nos relacionamentos interpessoais, dentre eles os que perpassam a relação professor-aluno (JARES, 2007; MATOS, 2007).

No presente trabalho compartilhamos uma experiência de pesquisa junto a educadores e alunos da escola de ensino profissional Joaquim Antônio Albano, no Ceará, realizada no período de 2009 a 2012.¹ Com o viés qualitativo de pesquisa, em que pretendemos entender a forma como os sujeitos estudados elaboravam o mundo que os cerca (GIBBS, 2009). Utilizamos trechos de entrevistas realizadas com os sujeitos investigados. Ressaltamos que no presente artigo iremos focar uma parte de um estudo maior sobre o programa de meditação coletiva “Fortaleza em Paz” na escola, a partir da visão de jovens. Para examinar de forma estruturada os discursos obtidos após a coleta de dados utilizamos da codificação (GIBBS, 2009) identificando passagens das expressões que se relacio-

¹ Essa pesquisa foi fruto de um trabalho de doutoramento em Educação na Universidade Federal do Ceará em que investigamos um programa de meditação coletiva denominado Fortaleza em Paz idealizado pelo professor Harbans Lal Arora. A técnica de meditação do referido programa encontra-se disponível no endereço eletrônico <http://www.fortalezaempaz.org/>.

navam com a temática da paz. Os relatos apontam reflexões a respeito da construção coletiva da paz.

A escola Joaquim Antônio Albano adere a projetos educativos em prol da paz, sendo o programa “Fortaleza em Paz” o de meditação coletiva que se configura como uma dessas iniciativas. Nesse sentido, como instituição formadora, se compromete com a educação integral do aluno (YUS, 2002). Ressaltamos que, além da prática da meditação em si, o programa “Fortaleza em Paz” busca contribuir para a consolidação da Cultura de Paz, despertando a atenção e o compromisso dos alunos com essa cultura.

O Que É Paz?

Apesar de não existir um consenso sobre o que é a paz e termos que lidar com a pluralidade dos sentidos a ela atribuídos (GUIMARÃES, 2010) ousamos trazer um sentido coletivo para esse grupo de sujeitos que se relacionam em um ambiente educativo. Longe de querer homogeneizar a forma como tal grupo se envolveu em suas vivências, buscamos elos que supomos estar contidos nos relatos aqui partilhados. Acreditamos que a riqueza da *práxis* educativa pode ser percebida a partir de saberes, experiências e discussões entre os que se envolvem no processo de ensino e aprendizagem. Para o educador é, portanto, tarefa de libertação facilitar a compreensão crítica do conhecimento.

Evocamos a compreensão da paz positiva que trabalha com os conflitos para render ganhos sociais e educativos (JARES, 2007). A seguir, apresentamos aspectos descritos por três alunos, sobre suas experiências singulares no que diz respeito à construção da paz.



Histórias de Três Jovens na Tessitura da Paz

Um dos alunos, R., do terceiro ano, com 17 anos, nasceu em Fortaleza, tem pais separados, e mora com a mãe. Tem pouca convivência com o pai e só o vê quando “vai buscar dinheiro”. Tem um irmão de sete anos, filho do pai com outra genitora, a quem o jovem conhece, apesar de não conviver com o irmão.

O aluno demonstra entusiasmo com a escola, gosta de informática e participa dos projetos desenvolvidos sobre essa temática. Afirma: [...] *fui escolhido como aluno coordenador especial. Eu tinha livre acesso aos laboratórios para ajudar a ajeitar a escola.* É evidente a sua satisfação em colaborar, para além de suas responsabilidades como estudante. Concordamos com Freire (1992), ao expressar que ensinar e aprender são partes de um processo maior.

No relato do estudante sobre o ambiente escolar, destaca-se a descrição de um momento de conflito vivido na escola, que parece ter-se evidenciado na experiência do jovem. Lembra de ter ficado chateado com a direção, pois acha que esta *não fez nada sério* em relação a um acontecimento registrado durante uma semana cultural. Revela: [...] *Existia uma história do grito de guerra [...] Com o grito de guerra eles não xingaram, mas foram ofensivos contra a direção, gestão e professores da escola.* E, de acordo com o jovem, a diretora de turma se sentiu traída e anunciou que não desempenharia mais essa função. A turma foi apenada pois as notas estavam associadas às atividades da semana cultural.

Quando pensamos em paz, devemos levar em conta os conflitos, pois essa é a compreensão da paz positiva (JARES, 2007). Assim, questionamos, o que ele entendia por paz, ao



que respondeu que esta não pode ser definida de forma exata. Afirmou que a paz não é algo que parte apenas dele: *Para mim paz não é só a não agressão, não é só um bom convívio, mas seria um estado de espírito no qual a pessoa se sinta leve e sem carga emocional negativa.*

Acrescenta que em todos os projetos com os quais a escola se envolveu houve uma melhora no que diz respeito à existência da não violência, mas ainda assim, existem “preconceito e violência nas relações entre as pessoas da escola.” Quando foi solicitado a explicar esses momentos afirmou: *Algumas vezes existe competitividade entre os alunos, e esse espírito de competição se torna algo pessoal gerando ódio entre turmas, por exemplo, quando um aluno de uma turma xinga outro aluno de turma diferente.* Solicitamos que descrevesse um caso recente para ilustrar essa afirmação. Indicou que houve um torneio de jogos entre turmas e duas das turmas competiam entre si em um jogo de bola. Um jogador “deu uma rasteira no outro que o fez cair” e a turma “quase o esmurrou, xingando-o com violência”. Os ânimos só se acalmaram quando um professor advertiu que a turma poderia ser eliminada do interclasse. *“Quando eu vi essa situação parecia criancinha de quarta série que quando perde o jogo alega que o juiz é ladrão ou que foram roubados. Não aceitam perder’.* Perguntamos se ele percebe essa competitividade na sala de aula, ao que respondeu que entre turmas não, mas na sala de aula sim. Não aceita atitudes que alguns têm em sala, como os que: *ficam com o ego lá em cima achando que podem tudo só porque já estagiam.* Tendo em vista esta discussão, enfatizamos a importância da inclusão de práticas que enfatizam valores humanos no ambiente escolar para melhorar a qualidade dos relacionamentos (CASTRO, MATOS, 2011).

Durante a entrevista indicou que a paz pode ser apenas momentânea. Essa visão demonstra o entendimento — por vezes reducionista e irreal — de que paz é o oposto de briga. Procuramos mostrar que os momentos de tensão, na escola ou na família, não necessariamente implicam em ausência da paz, pois esta pode englobar o conflito, como anunciado anteriormente (JARES, 2007).

Disse que, na escola, normalmente, não gosta de se relacionar com as pessoas que estão ao seu redor. Entende que num relacionamento de amizade tem de haver troca de favores, afeto, carinho. *Tenho amigos na escola em que eu confio, mas são poucos.* Considera muitas amizades duvidosas. Percebemos então a necessidade da crença e do cuidado nas relações. Nascimento (2009, p107) ensina que: “[...] a construção da paz, requer, essencialmente, o exercício do cuidado.” *O professor C. falou com minha mãe que vê um grande potencial em mim, mas vê um defeito que é o fato de eu não ter amigos.* Questionamos até que ponto, como educadores, estamos conseguindo favorecer relações dialógicas (FREIRE, 1996) que honrem o cuidado e o respeito com o próximo (BOFF, 2006). Acreditamos que em coletividade temos potencial para conviver democraticamente, valorizando os princípios de justiça, respeito e ética (NASCIMENTO, MATOS 2011).

Questionamos com o jovem: O que faz para buscar a paz? Disse que, muitas vezes, se isola e noutras busca conviver com pessoas saudáveis (inclusive na escola) e procura esvaziar sua mente de sentimentos pesados, de forma que não afete outras pessoas. Acreditamos que essa prática, de não afetar negativamente os outros, remete à paz enquanto uma edificação coletiva (GUIMARÃES, 2005), pois, de acordo com a sua compreensão, o seu sentimento influencia na convivência



com outras pessoas. E quanto a nós educadores, até que ponto educamos para o convívio com as diferenças? (JARES, 2007; MAGALHÃES, 2002).

Acreditamos que a reflexão sobre o “Programa Fortaleza em Paz” estimula e contribui para uma convivência saudável, e para que o grupo possa empreender formas criativas de resolver questões que possam intervir no bom andamento do projeto. Nesse caso, a colaboração dos amigos para se comportarem de modo favorável durante a execução da técnica. Para conseguir a paz em sua escola, considera que pode não só incentivar os colegas a participarem do projeto de meditação, mas fazer a sua parte.

Com efeito, mesmo quando nos deparamos com um relato de R., que afirma estar momentaneamente afastado da prática da meditação, percebemos sutis resultados do programa pela manifestação do aluno, de que a espiritualidade e a busca por uma mente tranquila são caminhos para a paz. O jovem informa que, ultimamente, tem gostado de cantar, e isso o ajuda a relaxar, *“alcançar um estado espiritual legal e livrar a mente de coisas que não são legais.”* Questionamos então se cantar seria atualmente sua espécie de ação para a paz, ao que ele respondeu que sim e que se sentia bem, porque aprendeu a gostar de música como algo que faz ressonância com a paz. *Só que às vezes me desestimulava com a crítica das pessoas. Hoje eu digo que se quiser que tapem seus ouvidos, pois eu canto isolado e não obrigo ninguém a me escutar, não pego um megafone e canto para escola toda ouvir.* Perguntamos se esses efeitos, do canto, da meditação, o ajudavam a trazer paz para o seu cotidiano. Ele respondeu positivamente e acrescentou que sua mãe até já aprendeu a cantar suas músicas, que fazem referência à paz, amor, união.



Cantar é uma coisa que livra meu pensamento, me livra de tudo ruim. Tudo o que eu posso fazer que está ao meu alcance eu já faço. Seja cantar, seja ficar relaxado, parado, tentando isolar as coisas ruins, seja fazer a ressonância de sentimentos. Uma coisa que sempre digo que é uma frase em inglês é It's proud and honor to serve, é um orgulho e honra servir. Porque eu aprendi a me doar muito, embora algumas vezes não trouxesse felicidade eu me doar, mas a maioria das vezes traz uma felicidade eu me doar e ajudar as outras pessoas. Por isso acabei aprendendo a não gostar de uma cara fechada. Se uma pessoa tá triste eu sempre vou e pergunto o que ela tem, se posso ajudar.

Nesse momento, percebemos que a sensibilidade para com o outro parece se tornar evidente na postura do aluno que outrora havia mencionado a dificuldade em ter amigos. Observamos, então, que os momentos de convivência oscilam entre facilidades e desafios.

Acho que o incentivo já passou do limite ou já passou do que devia. Embora haja um incentivo tanto da gestão como de outras pessoas, mas muita gente leva muito na brincadeira e como diz o ditado, não jogue pérolas aos porcos. Então chega uma hora que as pessoas ficam desestimuladas, então tá. Você não pode chegar e prender as pessoas e dizer que elas vão meditar.

Entendemos que o locus escolar carece de uma educação que não se centre unicamente nas dimensões intelectuais, mas que também oriente para experiências interiores (YUS, 2002, p.109). A meditação pode ser entendida como uma experiência desse tipo, embora ainda desperte a resistência de alguns. R. nos fala que, mesmo quando não se torna um hábito, uma prática rotineira, a meditação realizada pelos alunos no Programa “Fortaleza em Paz” cumpre com o seu objetivo de educar para a paz ao descortinar para esses jovens a sua espiritualidade, a



sua interioridade, e os benefícios da busca por uma tranquilidade interna, que pode ser encontrada em outras técnicas e práticas, como o canto, no seu caso, em particular.

Perguntamos, então, em que ele podia contribuir e o que vinha fazendo pela sua escola. Respondeu que: *incentivar a meditação e o estado de paz interior e fazer a ressonância de sentimentos*. Tentamos entender como é esse incentivo, pois ele havia dito que a escola não devia mais insistir nesse ponto. Respondeu que só incentiva aqueles que querem. Assim como só ensina matéria escolar aquele que quer, só ajuda aquele que quer: *Vem uma pessoa e diz: Ei me ensina tal matéria? Aí eu pergunto o que ele tá em dúvida e ele diz: Não sei fazer essa questão. Aí eu digo: Faz essa aqui e a pessoa diz: Me dá a resposta. Então eu pergunto se ele quer que eu faça a questão para ele ou quer que o ensine*. Percebemos mais uma vez que a educação para a paz ajuda os jovens a perceberem a alteridade (qualidade do outro que não está em mim) e o desenvolvimento de um pensamento crítico de sua realidade (YUS, 2002).

Sobre o que pode fazer de bom pela cidade acha que, geralmente, o que está ao seu alcance é trabalhar com organização não governamental — ONG, difundir as rodas de reunião sobre filosofia, acerca de paz, sentimentos e males que afetam a sociedade, como o preconceito por exemplo. Diz que já teve experiência de trabalho numa ONG chamada Pacha Mama. Fazia almoço para os moradores de rua e eventos como o “incentivo do abraço”, vestia uma camisa com o registro “me abraça que é de graça.”, além de vender camisas e bolsas. Iniciativas como essas, por parte dos jovens, são indícios da sensibilidade e cuidado com o próximo (BOFF, 2006).

Em relação ao que pode fazer para o mundo, acha que é mais complicado, pois às vezes nem consegue trazer paz para

sua sala de aula; porém, alega: *Quando tenho meu momento de meditação eu me conecto com outras pessoas que estão na mesma paz e difundo essa energia. Isso é chamado de teia de ressonância ou de sentimentos, que eu sempre falo nas meditações.* Acrescenta que já participou de várias “sessões de igrejas”, estudando textos bíblicos e junta diversos conhecimentos e aprendizados num só pensamento. Quando menciona a teia de sentimentos na relação com outras pessoas, recordamos Araújo (2008) que destaca a sensibilidade como componente importante no processo de educar, e que o descuido desse campo causa danos. Questionamos nessa perspectiva: Como ficam os jovens que não aprendem a se relacionar de forma afetuosa? Percebemos o reflexo disso transpondo os muros da escola?

Quando o jovem analisa a importância de que o movimento para a paz deve ser grupal, faz uma analogia com os morcegos:

Às vezes eles emitem um som que pode se amplificar e propagar de acordo com as pessoas. Se um som tem uma propagação em um espaço aqui quando ele toca algum ser vivo esse ser vivo absorve esse som. Principalmente porque a água que é uma das fontes da vida vai transmitir. Sejam ondas magnéticas, sejam ondas de ressonância quando bate em um elemento vivo acredito que ele vai absorver. Pode não absorver 100% mas acredito que ele vai absorver, pelo menos 0,001%. Então quando uma pessoa lança uma onda que afeta essa outra pessoa ela também lança uma onda. Essa onda vai sair amplificada. Então acontece isso; se um morcego lança uma onda para um radar que pode ler esse tipo de onda, se for só um morcego pode não ser nada. Agora se for um monte de morcegos que soltam essa onda na mesma hora o radar de detecção de ondas se quebra, a mesma coisa penso que pode ser com as pessoas.



Então enfatizamos que se todos na escola, por exemplo, conseguirem fazer um momento de meditação pela paz, mesmo com a resistência de muitos, algum reflexo positivo teremos. Ele concordou. Assim, se uma *práxis* é reflexão e ação dos homens sobre o mundo, logo temos sua transformação (FREIRE, 1987). Ao fim da entrevista acrescentou que gostaria de difundir a não violência, pois acha que a violência física é inadmissível. Comentou que as vezes briga com uma pessoa, mas corta esse clima de briga com palavras dóceis, ou falando mais baixo, ou ainda simplesmente sem falar nada. Essa atitude inspira o grande diferencial para uma boa convivência. Guimarães (2005) enfatiza que o educador para a paz recusa a violência e trabalha em prol da resolução não violenta dos conflitos. O encontro com esse jovem nos possibilitou um entendimento profundo, com base em suas vivências, sobre a sua compreensão do que é a paz. Também nos clarificou nuances relevantes do impacto do “Programa Fortaleza em Paz” no cotidiano escolar.

A seguir apresentamos outro depoimento de jovem da escola: J. 18 anos, sexo feminino, estudante do terceiro ano de Enfermagem.

J. tem cinco irmãos mais novos. Os pais são separados. O pai mora em Iguatu, sul do estado do Ceará, e é amigo de sua mãe. Tem um padrasto com quem se dá bem. Diz que mora com a tia há três anos. Por conta da morte de sua bisavó, mudou-se para que ela não ficasse só. Veio estudar nessa escola que era perto da casa da tia. Acredita ser uma pessoa engraçada, embora também às vezes muito mal humorada. Cobra muito de si mesma e dos outros. Gosta de brincar, mas também sabe levar a sério as coisas, principalmente quando se trata de assuntos relacionados ao seu trabalho de técnica

de enfermagem. Faz estágios na área e está na fase conclusiva do curso. Acha que se define como uma pessoa instável, “uma hora está de um jeito outra hora de outro”. Entende que: *Nem todo dia a gente sorri, nem todo dia a gente chora. Tudo tem o equilíbrio das coisas.*

Na espera do resultado do vestibular, descobriu, recentemente, que tem uma vaga para ela em uma universidade em São Paulo. Não tinha mais vaga pela sua pontuação aqui para o Ceará. Passou para a segunda fase do vestibular da Universidade Estadual do Ceará-UECE e espera pelo resultado final. *Vou trabalhar bastante. Quero crescer, ajudar minha mãe...* Questionamos: *Então você não ficará apenas com o ensino técnico?* Ela respondeu que não.

Sobre a questão da paz, o relato da aluna remete ao que propõe Jares (2007) quando indica que a paz engloba o conflito e que a postura mais adequada diante deste não é ignorá-lo, mas confrontá-lo positivamente, sem violência. Então, compreendemos que é desejo dos jovens estar em ambientes que propiciem condições favoráveis para a resolução de conflitos.

Para mim você estar em paz não é só estar tudo bem, você estar sorrindo. É você estar num ambiente e saber lidar com aquela situação. Não é só você criticar. Paz é como se fosse um conjunto de todas as minhas ações. Eu vou estar em paz se eu fizer com que o ambiente que eu esteja se harmonize. Mesmo que tenha briga, discussões, mas eu vou proporcionar aquele ambiente uma paz, uma situação mais harmoniosa. Sempre tem uma pessoa que implica. Paz é você transformar o ambiente que você está num ambiente que você quer estar.

A respeito da meditação, diz:

Acho que relaxa um pouco mais, tira o estresse. Como eu disse você reflete sobre tudo o que faz. No momento que



eu tento harmonizar o que eu faço, o que deixei de fazer, que decisões eu tomei que problemas eu tenho mesmo acho que você organiza sua vida. Você consegue fazer com que ela ande pelo caminho certo. E não pelo errado. E também às vezes você planeja uma coisa e acontece outra, pois a vida não é um caminho reto. Para chegar ao seu objetivo você tem que se desviar, se adaptar ao meio.

A meditação surge como possibilidade de equilíbrio interior, e favorece o processo de reflexão dos jovens, quanto ao que podem fazer para proporcionar paz para suas vida, para escola e também sua cidade, assinala:

Deixar de ser chata, de me cobrar muito. Para minha escola? Ajudar bastante no ambiente escolar. Geralmente na minha turma mesmo a gente vê que o pessoal não se une muito. Tem muita intriga na sala de aula. Então é você não se tornar uma das causadoras e nem se dividir, se restringir somente a um determinado grupo de pessoas. Você tem que ir além, falar com toda a sala. Ou até interligar sua sala com outras salas, pois tem muito preconceito [...]. Para Fortaleza? Evitar ser crítica demais. Criticamos o governo demais. E não olhamos assim poxa eu boto o lixo na rua, eu quebro o ônibus. São pequenas ações que você faz no dia a dia. [...] Pro mundo acho que eu ser eu mesma. Assumir meus conceitos morais, opiniões.

A aluna pode imaginar o que de forma prática poderia fazer desde o contexto micro (sua vida) até o macro (escola, cidade e mundo). Freire (1992) afirma que não podemos deixar de imaginar, ter curiosidade, buscando a aprendizagem e o entendimento das coisas, nos interrogando sobre como fazer o “inérito viável”. Assim, teremos sempre ideia de que podemos fazer reflexões sobre o que realmente “estamos dando conta ou não.” Ao fim da entrevista, a jovem teceu um anúncio enriquecedor:

Queria acrescentar que quando sonhamos com alguma coisa não devemos ficar só no sonho, mas devemos agir. O que move o mundo é a ação. É você se questionar e agir para encontrar a resposta. Nada vem nas suas mãos. Temos que ir atrás e derrubar muros para chegar lá.

Com base nesse depoimento, compreendemos a convicção dessa jovem sobre a esperança, como bem retratou Freire (1992): “O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz.” (p.99). Neste sentido, está claro que J. percebe a importância de sua ação, consciente e planejada, para que possa se transformar, bem como mudar o mundo. Logo a seguir, trazemos o depoimento de mais um jovem.

N. sexo masculino, terceiro ano de enfermagem, 17 anos. Mora no bairro Cajazeiras (Fortaleza) com duas irmãs e os pais. Uma delas é casada e tem um filho. Uma vez foi a uma consulta, no dentista, e encontrou uma conhecida sua da igreja que comentou sobre a escola. Perguntou o que deveria fazer para estudar nela, a amiga informou que aquele era o último dia de inscrição. Ele foi à escola, queria, em princípio, uma vaga para a turma de segurança do trabalho, mas só tinha para Enfermagem ou Turismo. Optou pela primeira e resolveu se matricular. Está gostando da área de saúde. Tentou vestibular, mas ainda não conseguiu passar. Irá trabalhar como técnico em enfermagem e continuar tentando uma vaga na faculdade. Quer ajudar sua família e conseguir um trabalho. Considera que a família, amigos e os estudos são as coisas mais importantes na sua vida.

Acha que paz é quando a pessoa fica bem consigo mesma e tem tranquilidade. Em sua vida há tantos momentos de paz como de violência. Diz que presencia muitas brigas, pois mora

em um bairro violento. Já viu um rapaz que “levou um tiro na rua”, soube de outro que foi ameaçado de morte. Em contraste com os depoimentos de R. e J, relatados anteriormente, N. traz experiências pessoais de violência física no ambiente escolar. Relata que ele e uma colega de classe se desentenderam. *Ela tava com brincadeira comigo e eu não gostei. Ficava falando que eu estava apaixonado por uma menina aí eu disse que ia bater nela e ela me encarou e disse para eu bater. Na hora não agüentei e bati na cara dela. Fui punido.* Depois desse conflito teve que fazer um trabalho na escola sobre a paz. Neste sentido, entendemos a ação da escola não como uma punição, mas como um ato educativo que envolveu a comunidade escolar em um processo de ação, reflexão, ensino e aprendizagem.

A vivência relatada por N. permite-nos observar a conduta da escola, dos educadores, em casos que sabemos serem comuns em muitas insituições. Conforme salientou Jares (2007), quando educo para a paz, envolvo ação prática. Assim o jovem foi estimulado a entrevistar pessoas de várias profissões (advogada, empregada doméstica, estudantes, porteiro) sobre a paz. Dentre as perguntas de sua entrevista, questionava o que o respondente achava que era a paz, o que a pessoa faria caso levasse um soco, se revidaria ou não, quais tipos de violência conhecia. A ação indicada pelos educadores levou o estudante a confrontar os diversos entendimentos sobre paz com a sua compreensão deste conceito, o que, conseqüentemente, o fez refletir sobre sua posição ante os conflitos, e sua responsabilidade na consolidação de um ambiente pacífico.

Disse que aprendeu que tudo o que faz tem conseqüências e que se deve pensar bastante antes de agir. Apresentou seu trabalho para quatro turmas da escola. Sentiu-se nervoso com a apresentação, mas os colegas o apoiaram. Já havia se

envolvido com brigas em outros ambientes que não a escola e nunca havia tido essa oportunidade de refletir sobre sua reação. Considera que essa correção *valeu a pena*; no entanto, ele e a colega nunca mais se falaram. Estudam na mesma sala e ignoram um ao outro. Esse trabalho educativo proposto para que o jovem refletisse sobre seu ato pareceu-nos criativo e interessante. Yus (2002, p.28) adverte: “A forma como criamos e educamos nossa juventude é o meio mais poderoso que temos para escolher, conscientemente, entre evoluir com e além de nossa crise atual.” Precisamos que cada vez mais educadores tenham ações como essa diante de comportamentos violentos que acontecem cotidianamente nas escolas.

O jovem em questão frequenta a igreja e faz orações. Considera que isso lhe traz paz. Diz ter deixado de meditar na escola, pois, assim como o primeiro entrevistado, acha que há alunos que não conseguem se concentrar. Quando praticou meditação, afirma ter se sentido em paz e alegre. Considera que o projeto influenciou para que as brigas na escola diminuíssem. Para ajudar a trazer paz para a escola, entende que pode mostrar aos alunos que violência traz mais violência. Para colaborar com a cidade, tem de primeiro ficar em paz, pois, se a pessoa não está bem, “não tem como ajudar os outros”. Em relação ao mundo considera que fazendo orações, pedindo a Deus, pode contribuir para um mundo melhor.

A Paz Anunciada

Após as três entrevistas com os jovens, consideramos que os elementos expostos facilitam nossa reflexão sobre o contexto de educação para a paz, e entendemos: “Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticida-

de do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação.” (FREIRE, 1987, p.64).

Depois de apresentarmos questões acerca das percepções dos jovens compreendemos a importância de anunciarmos uma paz que é e deve ser construída coletivamente. Consideramos a escola, nesse caso, a que acolhe jovens alunos, um importante cenário para fomentar reflexões a respeito dessa construção. Salientamos ainda que, conforme Freire (2006), a educação como prática política incita os educadores a desvelar possibilidades em um contexto de relações dialógicas, amorosas que incorporam linguagem, cultura e história de vida dos educandos. Foi por essa compreensão de que o educador não deve falar **aos** educandos, mas **com** os mesmos que consideramos importante investigar a compreensão da temática da paz a partir de histórias desses sujeitos, pois só assim efetivaremos um diálogo de paz que vale a pena ser anunciado e propagado.

Referências

ARORA, HARBANS LAL. *Terapias quânticas: cuidando do ser inteiro*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. *Os sentidos da sensibilidade: fruição no fenômeno de educar*. Salvador: EDUFBA, 2008.

BOFF, Leonardo. *A força da ternura: pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessário à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Ana Maria. Educação para a paz segundo Paulo Freire. *Revista Educação*, Porto Alegre, ano 29, v.2, n.59, p.387-393, maio/ago. 2006. Quadrimestral.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUIMARÃES, R M. *Paz: reflexões em torno de um conceito*. Site, Porto Alegre, [entre 1999 e 2010.] Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/educar/balestreri/inquietude/marcelo_rezende.htm>. Acesso em: 29 mar. 2010.

JARES, Xesús R. *Educar para a paz em tempos difíceis*. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

MATOS, Kelma. Juventudes e cultura de paz: diálogos de esperança. In: PINTO, A.C.; ARAÚJO, C.J.S.; COSTA. H. L. (Org.). *Formação do pesquisador em educação: questões contemporâneas*. Anped. Maceió: EDUFAL, 2007.

_____. A paz que protege: Cultura de paz, juventudes e docentes.. In: MATOS, Kelma S.A.L.; JUNIOR, Raimundo N. (Org.). *Cultura de paz, ética e espiritualidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.19-30.

MATOS, Kelma S.A. L; CASTRO, Lívia M.D.; LIMA DO NASCIMENTO, Elizângela. Semeando a paz: escolas e sujeitos em busca de valores. In: MATOS, Kelma S.A.L; NASCIMENTO, Verônica, S; JUNIOR, Raimundo, N. (Org). *Cultura de paz: do conhecimento à sabedoria*. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MELUCCI, A. *O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global*. Rio de Janeiro: Editora Usinos, 2004.

YUS, R. *Educação integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

